

O SOFRIMENTO QUE REDIME: UM ESTUDO DE PRÁTICAS DEVOCIONAIS NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Luciano Daniel de Souza

É uma discussão corrente as relações entre o que se chama de religiosidade popular e oficial. A princípio estabeleceu-se uma distinção entre estas formas de viver a religiosidade sendo a popular coincidente com aquela vivida pelos fiéis sem acesso à instrução religiosa oficial ou ligada a pequenos povoados e periferias. A religiosidade popular seria espontânea e marcada pelo apelo sentimental. Esta definição seria uma separação clara e instrumento importante para entender as diferenças entre as práticas religiosas. A religiosidade oficial seria aquela exercida pelos sacerdotes e ensinada nas recomendações da hierarquia religiosa, sendo marcada pelo culto não mesclado com outras formas de religiosidade, intelectual e mais sisuda. Esta discussão foi especialmente realizada nos meios católicos e com pouca aplicação aos meios evangélicos.

As novas abordagens sobre a circularidade cultural demonstram que essa separação não é tão clara como se supôs. O termo circularidade cultural provém de Bakhtin (2010) que percebeu que em alguns momentos e sob alguns aspectos, as fronteiras entre uma cultura popular e outra dominante não são tão distintas como se acreditou. Ginzburg (2006) ampliou a aplicação da circularidade aplicando-a a aspectos religiosos. Há entre as partes uma troca contínua de ritos, formas e aprendizados. No aspecto religioso julgou-se que a aceitação de práticas *populares* fosse apenas uma manobra proselitista ou de manutenção frente à ameaça que a diversidade religiosa impõe aos cristãos no Brasil. Essa forma de tratar a questão, ainda que possa ter forte aceitação, deixa de discutir se há uma essência nos ritos religiosos ou se é possível discutir sobre as origens da religiosidade. Anterior à discussão de práticas oficiais ou não, emerge o ponto de unidade entre as práticas religiosas.

Um dos pontos que tradicionalmente marca uma descontinuidade entre o que é oficial e o praticado é a devoção aos santos. Há formas consideradas populares e não oficiais como alguns tipos de ofertas aos santos dos mais variados objetos e alimentos. Mas ao lado das formas de ofertas, outro elemento que surge ainda mais importante é quando os fiéis elegem alguém à devoção sem a participação da hierarquia religiosa. Estes *santos do*

povo podem ser encontrados nas mais diversas regiões de nosso país. Uma destas manifestações de devoção popular aconteceu no interior do estado de São Paulo, na cidade de Vera Cruz e que passaremos a descrever agora.

ENTRE O CAFÉ E A RELIGIÃO

A breve biografia de Dirce Belluzzo apresentada aqui foi composta por meio de fontes orais e documentais. O trabalho com fontes orais traz limites e podem gerar alguma imprecisão. Procurou-se confirmar as datas, os nomes e os fatos com os documentos que poderiam comprovar a realidade dos mesmos. A confusão da memória pode também dificultar o uso de fontes orais. Como as testemunhas ouvidas foram unânimes em alguns pontos, possibilitou-se uma descrição menos dúbia. Entretanto, esta biografia está sujeita a novas revisões assim que novos relatos possam ser confirmados e novas fontes documentais possam ser analisadas.

O município de Vera Cruz fica situado na região centro-oeste a 434 km da capital do estado. O desenvolvimento e a criação do município de Vera Cruz estão ligados à cultura do café e à Companhia Paulista de Estradas de Ferro que ali implantou uma estação. Os imigrantes italianos chegaram à região para trabalhar nas fazendas de café. Entre os imigrantes e seus descendentes estava a família Belluzzo.

Dirce Belluzzo de Campos nasceu em 04 de julho de 1924. Era filha de José Belluzzo e Tereza Belluzzo. Ela era descendente de italianos que se instalaram na região de Vera Cruz para trabalhar nas fazendas cafeeiras. A família chegou ao Brasil pobre e com sonhos de ter uma vida melhor como muitos outros imigrantes que vieram a São Paulo. A propaganda feita na Itália alimentava a esperança que fossem encontrar condições de trabalho melhores do que as que existiam em seu país. Passava-se aos interessados na imigração que o Brasil era um local próspero. Segundo Gomes e Laroque (2010, p. 34): “Prometia-se uma terra de sonhos, riquezas e muita fartura, onde em pouco tempo eles enriqueceriam. Essa propaganda alimentava o imaginário de milhares de italianos pobres e sem terra. Contudo, chegando ao Brasil, a dura realidade que os esperava acabou por mostrar que tudo não passava de fantasia e propaganda enganosa”.

José Belluzzo trabalhou na região como vendedor de bananas e banha. Com o passar do tempo conseguiu uma melhor situação financeira. Casou-se e lhe nasceram três filhos. Em Vera Cruz conviviam os imigrantes italianos, brasileiros e japoneses.

As relações entre imigrantes italianos e brasileiros foram algumas vezes conturbadas. Segundo Cervo (1992, p. 35) no final do século XIX o governo da Itália pedia constantemente indenizações alegando que os direitos de seus cidadãos eram lesados no Brasil. Cervo afirma que os principais motivos dos pedidos de indenizações eram problemas de abuso por parte de patrões, violência por parte da polícia ou de civis e em regiões de conflitos, especialmente no Rio Grande do Sul, por prejuízos em ações militares. Também Bertonha (1997, p. 107) destaca que os problemas que geraram pedidos de indenizações ao governo brasileiro pela Itália não podem ser relacionados à guerra entre os dois países. Bertonha defende que os italianos instalados no país não representaram ao governo brasileiro uma ameaça à soberania.

Com a 2ª Guerra Mundial a Itália torna-se inimiga do Brasil. A situação dos imigrantes nesta região de São Paulo não foi tão difícil na época da guerra como para os japoneses instalados na região de Vera Cruz. Isso permitiu que a prosperidade que alcançou a família Belluzzo continuasse firme. José e Tereza Belluzzo ficaram conhecidos por ações beneméritas na cidade.

Dirce Belluzzo casou-se com um médico e morava em Marília. Foi professora e ensinou na região. Segundo Muzzeti (2005, p. 25) as estudantes dos cursos normalistas e de formação de professores provinham de meios privilegiados. Sua formação como professora confirma que sua família tinha alcançado prosperidade em terras brasileiras. A vida de Dirce foi abreviada inesperadamente. Ela faleceu em Vera Cruz no ano dia 03 de dezembro de 1957 com 33 anos.

Os relatos sobre os motivos de sua morte são variados. Em todos eles permanece a ideia de sofrimento e de uma vida abreviada. O que nos parece mais plausível como causa de sua morte seja o câncer. O seu sofrimento ligado a uma perspectiva de uma vida promissora, fizeram que a paixão por seu estado de saúde fosse ainda maior. O sofrimento a faria, segundo relatos posteriores, uma pessoa próxima de Deus e esta convicção levou a algumas pessoas a iniciarem visitações e orações em seu túmulo no cemitério local.

Outros relatos que estão ligados à visitação de seu túmulo narram o surgimento de uma fonte. Somente em seu túmulo escorria uma pequena fonte d'água. Os que visitavam o túmulo acreditavam que a água pudesse ter dons sobrenaturais. Os que visitavam o túmulo se abençoavam com a água ou ainda aplicam gotas da água em partes doloridas do corpo ou mesmo em feridas. Narra-se que se formavam filas para visitar o túmulo.

Na década de 1960 a visita ao túmulo era maior na segunda-feira, dia que segundo as práticas da época era dedicado às almas. Fiéis católicos rezavam no cemitério da cidade de Vera Cruz e no final visitavam o túmulo e tocavam na água que escorria. Conforme outro costume eram confeccionadas placas de agradecimento (ex-voto) por graças alcançadas. As visitas e orações no cemitério eram práticas comuns antes do Concílio Vaticano II. Segundo Jurkevics (2004, p. 32-33):

O culto aos mortos, prática muito antiga e com larga penetração na cultura portuguesa, foi transportada para as terras brasileiras, obedecendo entre os colonos lusos a tradição de que o mês de novembro era inteiramente dedicado às almas do purgatório. Grupos recitavam Padre-nossos e Ave-marias, e entoavam cânticos de penitência em favor das almas do purgatório que muitos chamavam carinhosamente de “alminhas”. A finalidade desta penitência era proporcionar a essas almas, uma redução em seu sofrimento, sua purificação e assim, sua entrada mais rápida no paraíso.

Dirce Belluzzo era professora e de família tradicional na cidade, a melhor forma que encontraram para homenageá-la após sua morte foi dando o seu nome ao novo prédio que abrigaria a escola estadual. A escola estadual com seu nome foi inaugurada na cidade de Vera Cruz em 22 de junho de 1958 conforme placa comemorativa e que cita também os nomes do governador Jânio Quadros e do prefeito Fábio Zalaf.

O fato de uma escola com o grande número de pessoas que a frequentam (alunos, professores e pais) colaborou para que os possíveis fatos ligados a Dirce Belluzzo tivessem uma maior repercussão. Os relatos se ampliaram da esfera do cemitério para a escola. Embora se saiba que os relatos de fatos fantásticos sejam comuns em escolas, neste caso ele era reforçado pela visita ao cemitério e pela água que escorria do túmulo.

Alguns alunos na década de 80 em dias de provas passavam no túmulo de Dirce e pediam a ela para conseguirem fazer uma boa prova. A prática perdurou por algumas

décadas. Outro fato relacionado a Dirce Belluzzo e os alunos da escola que tem o seu nome é ligado a um piano. Este piano encontra-se na escola e nunca teria sido tocado por ela.

Espalhou-se pela cidade o boato que Dirce Belluzzo tocava o piano durante a noite, causando medo especialmente nos alunos do ensino fundamental. Há relatos de crianças que só iam ao banheiro em caso extremo. Alguns narram que nunca entraram no banheiro da escola, aguardando o final das aulas.

Há uma homenagem póstuma ao pai José Belluzzo com uma avenida na cidade que tem o seu nome. O nome de sua mãe está ligado a obras de caridade na cidade, especialmente ao Asilo Tereza Belluzzo. As obras de caridade estão entre as características com as quais se pode reconhecer alguém como próximo a Deus. Parece-nos, entretanto, que as visitas ao túmulo de Dirce Belluzzo podem partir de outra característica. René Girard elaborou uma teoria para explicar as motivações que levam o ser humano à prática religiosa.

DESEJO E RIVALIDADE

Girard desenvolveu a teoria do mimetismo que aplicou à religião e aos conflitos que a humanidade trava entre si. Sua teoria inicia com a afirmação que os seres humanos copiam (imitam) os desejos uns dos outros. Os objetos desejados são os mesmos e por isso, instaura-se a rivalidade. Esta rivalidade foi para ele bem representada na literatura e no mundo clássico, especialmente entre os gregos. Girard exemplifica sua teoria especialmente com as tragédias gregas. Freud também usou do mesmo artifício para exemplificar suas teorias psicanalíticas. Girard (1990, p. 211-237) tratou do Complexo de Édipo e procurou pontos comuns com sua teoria. Para Girard o fundador da psicanálise teria em suas análises esbarrado continuamente no mimetismo, mas querendo manter sua posição sobre o complexo deixou de dar a devida importância a ele.

A rivalidade manifesta-se concretamente na violência visando a posse ou uso dos objetos desejados. Esta violência tem graus diversos, mas conduz à morte ou destruição do oponente. Este processo alcança não só a esfera do indivíduo, mas a sociedade de um modo geral. O desejo mimético torna-se uma força destrutiva e perigosa à existência humana. Concepções antigas trataram diferente o desejo. A definição de desejo pode ser

analisada com suas proximidades e diferenças com o que os filósofos na Idade Média chamavam de vontade.

A concepção de desejo mimético para Lepargneur (2006, p. 553) seria incompleta por deixar de apontar proximidades e distância entre atitudes psíquicas aparentemente semelhantes. Uma das atitudes muito próximas seria a inveja. Dentro da tradição religiosa a inveja figura entre o que se chamou de pecados capitais. A observação de Lepargneur não prejudica as análises de Girard que parte da sua concepção de desejo mimético.

A concepção romântica do desejo que o compreende como livre é limitada. O desejo é na verdade mimético, ou seja, por imitação. Através da imitação aprendemos a andar, falar e a desejar. O desejo sendo mimético nos leva a confrontar o outro, levando-nos a conflitos e rivalidades, criando um ciclo de violência. Este ciclo de violência seria o ponto fundamental do sacrifício como elemento religioso.

O sentido em português da palavra sacrifício é mais amplo do que propõe a princípio Girard. A palavra sacrifício provém do latim *sacrificium*. É uma palavra composta de *sacrum* e *facere* significando o fazer religioso, o ato de oferecer à divindade. Em nosso idioma ela mantém o sentido original, mas é comumente utilizada como sinônimo de dificuldade o que não ajuda na compreensão do fenômeno em questão.

Girard entende a palavra sacrifício sempre no âmbito da religião e não como dificuldade. O sacrifício de um indivíduo com o propósito de atenuar as tensões da multidão, para as religiões traria a paz momentânea. Para Girard o sacrifício tem que ser executado para conter a violência. Abre-se uma outra questão: quem ou o que será a vítima? A vítima é culturalmente definida e deve se enquadrar nos critérios pré-determinados. Quando a vítima não é totalmente identificada aos critérios estabelecidos ocorre um outro processo como afirma Girard:

A própria violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar passando a seu alcance (GIRARD, 1990, p. 13).

Com a violência destituída de seu sacrifício estabelecido, segundo Girard inicia-se um caos social. O sacrifício da vítima é um imperativo social. Muitos mitos gregos seriam a recordação das vítimas que aplacaram a violência primordial. São verdadeiros mitos fundadores e que foram rememorados de geração em geração para que seu aspecto simbólico seja sentido a cada tempo. A vítima expiatória é apropriada coletivamente, como escreve Girard (1990, p. 19): “É a comunidade inteira que o sacrifício protege de sua própria violência, é a comunidade inteira que se encontra assim direcionada para vítimas exteriores. O sacrifício polariza sobre a vítima os germens de desavença espalhados por toda a parte, dissipando-os ao propor-lhes uma saciação parcial”.

A natureza mimética é responsável pela tendência da multidão focalizar sua agressão em um único indivíduo o tornando a vítima expiatória de uma comunidade. A morte de uma vítima inocente tem a força de pacificar multidões e estabelecer a paz.

Girard acredita que a vítima expiatória foi essencial na criação e perpetuação das religiões arcaicas. A cultura arcaica através da repetição de sacrifícios consegue diminuir a violência através da substituição da violência generalizada pelo sacrifício de um único indivíduo.

A posição que Girard manifestou sobre a violência e o sagrado torna o sacrifício uma necessidade social. Ele seria uma forma de conter a violência da convivência humana que tende a desejar os mesmos objetos – entendemos que também uma pessoa ao ser desejada é entendida como um objeto dentro do processo mimético. O mecanismo mimético que corresponde aos vários processos entre rivalidade, violência, objeto desejado e desejo mimético tem na religião seus momentos ritualizados. O sacrifício aponta a escolha de vítimas *perfeitas* que possam aplacar a disputa humana que gera a violência.

Ponto questionável na obra de Girard é quando afirma que a origem da religião estaria na contenção da violência humana. Estamos diante de uma característica da religião, todavia nos parece um tanto restritivo dizer que a gênese da religião é especificamente conter a violência humana. Sobre isso afirma Girard (1990, p. 46): “É a violência que constitui o verdadeiro coração e a alma secreta do sagrado”.

CRISTIANISMO, SANTOS E SACRIFÍCIO

A dimensão sacrificial também está presente no judaísmo e no cristianismo. O judaísmo recorda o relato do sacrifício de Isaac como uma das maiores provas de fé. Abraão é chamado de pai da fé por não ter recusado apresentar o seu próprio filho para um possível sacrifício. Ainda que o sacrifício humano seja terminantemente proibido pelo judaísmo, a prática de sacrifícios para aplacar e cultuar a Deus é elemento fundamental dos ritos judaicos. Os textos que tratam do sacrifício discorrem e detalham como devem ser realizados estes sacrifícios.

No livro do Levítico é descrito como deve acontecer o holocausto:

Sendo um holocausto de gado o que se quer apresentar, apresenta-se um macho sem defeito, apresenta-se o animal na entrada da tenda de reunião, para ser aceito pelo Senhor: impõe-se a mão sobre a cabeça da vítima, a qual é aceita em favor do oferente – para executar sobre ele o rito da absolvição -; degola-se este animal diante do Senhor; então os sacerdotes, filhos de Aarão, apresentam o sangue, depois aspergem com este sangue o contorno do altar que se encontra na entrada da tenda da reunião (Levítico 1, 3-5).

A descrição continua com detalhamento sobre os diversos tipos de oferenda e sacrifício. Uma característica continua dos sacrifícios de sangue é que a vítima deve ser *sem defeito*. Este sem defeito é uma característica física, mas que evolui para um sentido alegórico de santidade.

No sacrifício há uma tríade: a vítima, o imolador e a divindade. A vítima é descrita no ritual judaico com as devidas características que a tornam possível de oferecimento. O imolador é o sacerdote. O sacerdote tem na cultura judaica a principal tarefa de imolar a vítima-oferta segundo o modo correto para que Deus possa recebê-lo.

Para o cristianismo é a ressurreição o ponto central da fé. A ressurreição é crença que a morte foi superada através do sacrifício de Cristo. O elemento sacrificial está presente na corrente judaico-cristã, mas de modo mais contundente no cristianismo. O catolicismo, em especial, defende que a cada missa celebrada está sendo realizado o sacrifício de Cristo na cruz só que de maneira incruenta, isto é, sem o derramamento de sangue como atestam diversas orações citadas por Giraud (2003, p. 289). É necessário lembrar que os católicos acreditam que resulta do sacrifício apresentado na missa o sangue e o corpo do próprio

Cristo, uma presença real, todavia só perceptível pela fé. Como não há o derramamento de sangue não há novamente a dor no sacrifício, mas a memória do sofrimento redentor. Seria a compreensão do sacrifício cristão na forma incruenta um desenvolvimento do modo de sacrifício da vítima? Pode-se perguntar se seria este um desenvolvimento natural das práticas religiosas que envolvem sacrifícios de vítimas ou ainda se seria de fato uma nova forma religiosa? Parece-nos que conserva elementos comuns com os sacrifícios de outras religiões, mas há uma impositação diferente quando o cristianismo considera finalizado o tempo dos sacrifícios antigos.

A noção de sacrifício, entendido aqui como dor e derramamento de sangue nem sempre é determinante para oficialmente se apontar um santo. Mas recordamos que nos primeiros séculos do cristianismo a santidade estava ligada ao martírio. O martírio que se aproxima em alguns elementos da definição de sacrifício de Girard é apontado como uma identificação do santo com o Cristo.

O surgimento da vítima perfeita, reconciliadora e justa não pode ser somente atribuído a povos primitivos ou aos supostos fatos fundantes das religiões, mas é reelaborada pelos crentes de tempos em tempos.

Poder-se-ia afirmar que o mundo atual produziria novas formas de sacrificar a vítima? Parece-nos que na elaboração livre da religiosidade, certas pessoas que conheceram atos de dor, podem ser sacralizadas. Mas esta sacralização ocorre fora do sistema oficial. É uma escolha de fiéis que não abandonam as práticas formais e reconhecidas de culto, mas reconhecem a partir de seus princípios de vítima sacrificial o dom de cura àqueles que sofreram.

Não é possível simplesmente afirmar que a devoção não oficial a pessoas que se julgaria portadoras de dons especiais brota unicamente do interesse de se obter benesses religiosas. Para isso haveria o modo tradicional, as devoções costumeiras e os homens e mulheres cristãos oficialmente reconhecidos para esta finalidade.

Uma tentativa de explicação para a devoção àqueles que sofreram seria a proximidade física. Os santos oficiais em grande parte são europeus, assim não tem uma proximidade cultural e geográfica com todos os fiéis. A ideia de alguém que tenha vivido próximo e da qual se conhece a família e que possa ajudar em necessidades espirituais é convidativa.

Não se pode falar de proximidade somente no sentido espacial do termo, mas ainda em convergência de pontos comuns. Teríamos nesse caso a situação de determinadas dores que os santos suportaram e que por isso teria proximidade com os crentes que padecem de males parecidos.

O culto para ser difundido necessita dos meios e pessoas que exerçam esta tarefa. No caso dos *santos particulares*, é a propaganda feita diretamente pelo envolvido em curas e ou possíveis milagres quem executa a missão de espalhar e explicar os ritos necessários para se obter resultados esperados. O que mais se espera é que o sofrimento em todas as suas formas seja superado.

Mas o sofrimento é sinônimo de sacrifício? Para Girard (1990, p.46) não há diferença substancial entre os dois: “Existem, por exemplo, relações inegáveis entre a doença e a violência voluntariamente infligida por um inimigo. Os sofrimentos de um doente são análogos aos provocados por um ferimento”.

É neste ponto que se pode procurar responder quais as motivações das visitas ao túmulo de Dirce Belluzzo. Sua morte ainda na juventude, quando havia condições favoráveis a uma vida próspera, é vista como um sofrimento. O sofrimento é duplo. Ele se dá pela própria doença que a martiriza, como também pela potencialidade de vida que não pode ser desenvolvida. É na dor e no sofrimento que ela, se apresenta como mais próxima de Deus. Nos atos devocionais que foram oferecidos a ela está também a realidade de muitos que sofrem das mais diversas formas e querem encontrar o alívio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. *Rev. bras. polít. int.*, 1997, vol.40, n.2, p. 106-130.

CERVO, Amado. As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia. Brasília: UNB, São Paulo: Instituto Italiano de Cultura, 1992.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GIRAUDO, Cesare. Num só corpo: tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, Vanderlisa Ferreira. LAROQUE, Fernando da Silva. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do Filó em localidades do Vale do Taquari/RS. Revista Destaque Acadêmicos, ano 2, 2010 - CCHJ/UNIVATES, p. 33-43.

JURKEVICS, Vera Irene. OS SANTOS DA IGREJA E OS SANTOS DO POVO: devoções e manifestações de religiosidade popular. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LEPAGNEUR, Hubert. René Girard em perspectiva. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 16, n.7/8, p. 539-554, jul./ago. 2006.

MUZZETTI, Luci Regina. Curso Normal: a formação total. Anais do VIII Congresso Estadual Paulista sobre a Formação de Educadores – Unesp – Universidade Estadual Paulista, 2005, p. 20-28.

Agradecimentos

Roque Furtado

Antonia Dias Furtado

Regina Célia Ninim Brandão Bonadio

Aldo Belo

Dejalma Francisco Grando